

Dois grandes objectivos políticos apontados pela U.E.C. na sua I Declaração, tornaram-se realidade: o povo português conquistou a liberdade, a guerra colonial acabou.

Os estudantes estiveram com o M.F.A. e com o movimento popular na sua concretização. Contribuíram com as suas lutas para criar condições que permitiram o derrubamento da ditadura fascista. Travaram poderosas batalhas contra a guerra colonial.

Vencido o primeiro objectivo a actual etapa da revolução, os estudantes lançaram um poderoso movimento que esteve na raiz de todas as conquistas alcançadas.

O M.A. passou a ter uma actividade livre. Reabilitaram-se as A.A.E.S. e formaram-se outras. Iniciou-se a democratização do ensino. As escolas passaram a ser dirigidas democraticamente. As forças repressivas de que o fascismo se serviu para reprimir a luta estudantil foram desmanteladas. As organizações políticas estudantis passaram a actuar livremente; as autoridades académicas comprometidas com a repressão, sancionadas.

Os estudantes acompanharam as vitórias históricas do nosso povo no caminho da democracia, do processo e da independência nacional.

Lo longo destes meses de liberdade a reacção tentou por em causa a nova situação democrática. Muitos estudantes souberam estar ao lado das massas populares e do M.F.A. Muitos estiveram nas grandes jornadas populares que impediram o golpe de 28 de Setembro.

Numerosos estudantes se incorporaram na grandiosa manifestação popular de 14 de Janeiro em Lisboa, ao lado dos trabalhadores, em defesa da unidade sindical. No entanto, há nas escolas, os mais variados grupos e divergentes forças políticas que tentam afastar os estudantes do processo revolucionário ou curso-afastá-los do movimento popular e do M.F.A.

Uns procuram servir-se das reais dificuldades encontradas na democratização do ensino, no seu simples funcionamento, para servir os interesses oportunistas do seu grupo. Outros, com fraseologia de "esquerdista", procuram fazer da Universidade um antro da contra-revolução, tentam paralisá-la e lutar declarada, aberta e exclusivamente contra as forças democráticas, o Governo Provisório e o MFA.

A U.E.C. propõe-se ganhar os estudantes para o processo revolucionário em curso e para a inserção do movimento estudantil no movimento popular de massas. Antes de mais defende intransigentemente as reivindicações estudantis interpretando tanto as suas aspirações.

A UEC não poupará esforços para unir, organizar e mobilizar os estudantes em torno das grandes e prioritárias tarefas da presente situação política na qual o movimento estudantil seja um dos alicerces da aliança Povo-MFA.

B

MONOPÓLIOS

Os estudantes lutaram contra o ensino ao serviço dos monopólios e da ideologia raciocinária. Hoje estão com a classe operária, os camponeses, os estudantes trabalhadores, todo o povo português, na luta por uma política antimonopolista e antilatifundista que limite e finalmente liquide o poder dos monopólios.

Os monopólios põem em causa a liberdade e a democracia alcançadas, sendo o seu principal inimigo, põe também em causa, a liberdade e a prática democrática do movimento estudantil, obrigam as transformações democráticas nas escolas.

A melhoria radical das condições do ensino, uma verdadeira assistência social (bolsas, transportes, alimentação, habitação), o incentivo de um desporto e de uma cultura de massas; a concretização do programa de acção do movimento estudantil - A Reforma Geral e Democrática do Ensino - só serão alcançadas com um aumento radical do orçamento para a educação, só possível no quadro de uma política de liquidação dos monopólios.

O próprio sentido do estudo difere perante as perspectivas de uma profissão ao serviço do povo e do progresso nacional, ou, dos esfíldos interesses dos monopólios. O mesmo se pode dizer da iniciativa criadora para o desenvolvimento da investigação científica e técnica.

A U.N.E.C. alerta os estudantes contra aqueles que pretendem esconder o verdadeiro culpado das precárias condições do ensino existente - o capital monopolista, denunciando os grupos que pretendem esconde-lo como o principal inimigo da democratização do país, inventando manobras e objectivos de diversão.

A U.N.E.C. trabalhará para os estudantes, nas escolas e nas iniciativas das massas populares, estajam no lódog da classe operária, dos trabalhadores, de todas as classes antimonopolistas, no combate pela limitação e firme liquidação do poder dos monopólios latifundiários, parte integrante da luta pelo triunfo final da democracia no país.

C DESCOLONIZAÇÃO

As guerras coloniais acabaram.

A República de Guiné-Bissau é hoje um Estado livre e independente.

Mozambique tem um governo de transição, do qual faz parte a Frelimo, que abrirá caminho à completa independência do novo Moçambique.

Em Cabo-Verde e São Tomé e Príncipe, Governos de transição procedem à descolonização total.

Estas são vitórias históricas das lutas comuns do povo português e dos povos coloniais irmãos.

A descolonização, pela fórmula original e firme é, umas das grandes realizações do processo revolucionário que fizemos.

No seguimento das vigorosas lutas estudantis contra as guerras coloniais e pela independência das colónias, a U. N. C. procurará consolidar e alargar as laços de amizade e de cooperação já existentes entre os estudantes portugueses e as juventudes dos novos Estados independentes.

Em Angola este complexo processo de descolonização obriga ainda a juventude e alguns estudantes a sacrifícios. Muitos ainda não regressaram e outros partiram mesmo para os novos países africanos.

Não estão a oprimir ou a explorar; não estão a bater-se por causas injustas. Estão a ajudar a defender a Liberdade e a Independência desses países, estão a ajudar a construir novas nações. Estão a cumprir um dever internacionalista.

A U.N.E.C. procurará desenvolver nos estudantes o espírito de mais vivo apoio à luta dos povos dos novos países africanos, pela construção das suas pátrias livres, independentes e prósperas.

D CONTRA O IMPERIALISMO

Desenvolver os sentimentos dos estudantes portugueses, quebrando a barreira que o fascismo sempre tentou criar entre a Juventude Portuguesa e de mundo é um dos objectivos da U.N.E.C..

Os estudantes conhecem o valor da solidariedade para com a sua luta. Hoje, no Portugal libertado, sabem contribuir para a força e unidade da Juventude Estudantil do mundo na luta pela Paz e Independência Nacional, na defesa da Democracia e do Progresso e contra o imperialismo, o colonialismo e o fascismo. A U.N.E.C. sublinha que a luta dos estudantes contra a penetração imperialista em Portugal se insere na luta mundial contra o imperialismo. A U.N.E.C. denuncia o imperialismo como tendo sido uma das bases de sustentação da ditadura fascista,

um dos responsáveis pelas guerras coloniais e pelas precárias condições de vida do Povo Português.

A U.E.C. propõe-se lançar os fundamentos de um movimento patriótico anti-imperialista da juventude estudantil contra a chantagem política e sabotagem económica do imperialismo e contra a existência de bases militares estrangeiras em território português.

Proclama a sua activa solidariedade para com os povos vítimas da dominação e de agressão imperialistas e, sujeitos, a ditaduras fascistas e reacçãorias. Tudo fará para mobilizar os estudantes portugueses em acções concretas de apoio ao Povo do Chile, do Vietnam, da Palestina, da Espanha, do Brasil, e de todos os povos em luta pela independência nacional, pela liberdade e pelo socialismo. A U.E.C. contribuirá para estreitar os laços de amizade dos estudantes portugueses com a juventude estudantil dos países socialistas, em particular com a U.R.S.S., que desempenha importante papel na construção do socialismo e do comunismo nas suas pátrias.

A U.E.C. estreitará os laços de amizade dos estudantes portugueses com a Juventude Progressista dos outros países, directamente através da sua organização representativa, a Federação Mundial da Juventude Democrática (FMJD), de que a U.E.C. é membro efectivo. Procurará divulgar as grandes iniciativas, campanhas e lutas da Juventude do Mundo e ganhar para elas os estudantes portugueses. Tudo fará também para desenvolver acções em defesa do Povo Mundial, parte integrante da luta anti-imperialista.

FORMAS DE ORGANIZAÇÃO E ACCÃO
COMO SER REVOLUCIONÁRIO

A U.E.C. encontra-se na vanguarda da luta dos estudantes portugueses. Conquistou tal lugar pela sua acção no passado. Mantém-se hoje, com a acção que tem desenvolvido para integrar o Movimento Estudantil no Movimento Popular, colocando-o ao serviço da causa dos trabalhadores e das transformações históricas que se operam no País.

Na vanguarda do Movimento Estudantil estão todos os forças e militantes democráticos que lutam por trazer os estudantes ao prosseguimento revolucionário.

A U.E.C. traça as suas palavras de ordem, a sua orientação e iniciativas, auscultando as legítimas aspirações e anseios das massas estudantis, de acordo com as massas às posições e iniciativas da U.E.C., é uma condição essencial na sua acção de vanguarda revolucionária.

No entanto, posições, atitudes e acções revolucionárias nada têm a ver com a demagogia.

Há aqueles que exploram o facilismo, exploram aspirações legítimas, por não acanar com reivindicações irrealistas. A demagogia é a exploração mais indigna dos problemas e aspirações dos estudantes.

O papel de uma vanguarda é o de insistir sempre na verdade, no esclarecimento dos problemas, na indicação do justo caminho da luta.

Uma política justa acaba por ser confirmada sempre pela vida, acaba por ser compreendida pelas massas e ser seguida com o sucesso.

A organização de massas, basilar no movimento estudantil, continua sendo o Movimento Associativo. Como tal, ele é também a principal frente de trabalho dos comunistas. Porque defendemos com firmeza uma linha de massas para o Movimento Estudantil, os comunistas são os mais consequentes defensores da democracia interna do Movimento Associativo.

O M.A. rege-se por sólidos princípios democráticos, Promove a unidade dos estudantes, independentemente das suas concepções políticas ou religiosas, definindo a cada momento a plataforma unitária e os objectivos que são comuns à maioria dos estudantes.

Estes objectivos são condicionados pela situação política. A experiência comprova que, se em fases de transição e em períodos revolucionários é difícil encontrar os objectivos unitários da massa estudantil, a própria evolução da situação política clarificará também esses objectivos.

A U.E.C. toma particular atenção às necessidades de se encontrar novas formas de organização e de enriquecimento das antigas de forma a que o Movimento Estudantil possa responder às novas exigências da situação política.

A alteração dos objectivos e métodos de trabalho, derivados da conquista da legalidade, a pouca experiência de luta nestas novas condições, a necessidade de encontrar as soluções mais justas, num processo extremamente dinâmico e de rápida evolução, impõe à U.E.C. grande flexibilidade na busca de soluções melhores, das soluções novas para os novos problemas e para as novas tarefas.

Esta flexibilidade aliada à firme aplicação dos princípios marxistas-leninistas será a chave dos nossos êxitos.

Da organização clandestina, após o 25 de Abril a U.E.C. surge à luz do dia como organização legal, com redobradas responsabilidades. Estruturas, métodos, estilo de trabalho para continuarem a ser alterados e aperfeiçoados. Da organização de quadros, há que transformá-la numa organização de massas. Numerosos estudantes vieram à U.E.C. . Muitos mais estão ainda por vir. Assim exigem as novas condições políticas e particularmente o processo revolucionário

A U.E.C. estende-se por todo o país. Surgem novos militantes, dia após dia muitos mais surgirão, em todas as localidades onde há escolas ou liceus. Jovens que há que enquadrar na nossa organização. As células têm que ser estruturadas. Têm de adquirir vida política. Há que estimular a prática de trabalho colectivo, o espírito de iniciativa de cada organização e de cada militante, a participação na definição da linha política. Têm de ser incentivados métodos democráticos de debate e decisão, de eleição de organismos de direcção. Se se altera o estilo de trabalho, não se alteram os princípios, a natureza de tipo da nossa organização. A UEC, como vanguarda revolucionária, continua a guiar-se pelos princípios de organização. Era e será a prática de centralismo democrático que nos dará uma inquebrantável coesão ideológica e orgânica, que nos permitirá aliar o estímulo à iniciativa individual com uma sólida unidade interna.

A UEC promoverá o confronto de ideias, mas pronuncia-se contra a estéril degladiação ideológica. Combaterá o anti-comunismo, arma preferencial da luta ideológica da reacção, bem como divisionismo e o sectarismo.

Ao promover o debate ideológico a UEC vira-o para o enriquecimento da luta estudantil, com métodos renovados de acção e para o reforço da unidade das massas estudantis e da sua vanguarda.

A unidade faz-se na acção, constrói-se em torno de objectivos concretos. A UEC tudo fará para reforçar a unidade com as organizações políticas estudantis que possam contribuir positivamente para o processo de democratização do país levando à prática iniciativas comuns, organizando acções conjuntas, buscando soluções e propostas.

A UEC é depositária fiel das melhores tradições de luta, das organizações estudantis do PCP. Recolhe a experiência, a combatividade, a dedicação revolucionária de todos os militantes comunistas que tudo deram pela causa do nosso povo. A UEC tudo fará para trazer os estudantes para o lado da classe operária, para os conquistar para a luta pelo socialismo e o comunismo - grandes ideias da juventude.

III - PELO SOCIALISMO E O COMUNISMO grandes ideias da juventude

A juventude estudantil portuguesa está ganha para o socialismo. As suas lutas, os seus objectivos, as suas aspirações, não cabem, nem caberão no quadro de uma democracia burguesa. No movimento estudantil existem os mais variados grupos, grupinhos e organizações, cheios de numerosas correntes ideológicas, mas um traço lhes é comum - a palavra socialismo.

Mesmo a burguesia reacçãoária tem de se mascarar de marxismo, servindo-se dos meios mais vis para tentar afastar a juventude dos ideias do socialismo e do comunismo. A UEC desmascara os falsificadores de marxismo-leninismo, que contrapõem miragens idealizadoras dum pseudo-socialismo às experiências históricas do socialismo efectivamente adquiridas, assim como outros que se servem dum verbalismo pseudo-revolucionário para justificarem um anti-sovietismo e um anti-comunismo que só aproveitam ao fascismo e à burguesia.

Nem uns nem outros conseguiram porém impedir que uma parte considerável da juventude estudantil tenha sido ganha pelo marxismo-leninismo e veja nos países socialistas o exemplo do nosso próprio futuro.

A UEC afirma a influência determinante da Revolução de Outubro, das realizações e vitórias históricas da União Soviética e das outras revoluções socialistas vitórias em todo o processo revolucionário mundial.

Propõe-se contribuir para a divulgação entre os estudantes do marxismo-leninismo, das realizações e experiências das revoluções socialistas e da construção do socialismo e do comunismo e, nesse sentido, estreitará os laços de amizade entre os estudantes portugueses e a juventude da URSS e outros países socialistas.

A UEC considera que a revolução democrática em curso, que define como revolução democrática e nacional, é parte integrante e constitutiva da luta pelo socialismo e o comunismo.

A UEC salienta que o processo revolucionário em curso assenta em duas componentes: o movimento popular de massas e o Movimento das Forças Armadas. A aliança entre as duas componentes é um imperativo para o prosseguimento da revolução democrática.

Lutando hoje para desenvolver a luta dos estudantes pela liberdade e a democracia, contra os monopólios, pelo prosseguimento da descolonização, contra o imperialismo, a UEC não poupará esforços para que amplas massas de estudantes sejam ganhas para a causa da classe operária e dos trabalhadores, para o socialismo e o comunismo, grandes ideias da juventude.